

Título:

Pedagogia do desenvolvimento de habilidades: um novo conceito de educação

Pedagogy of abilities development: a new concept of education

Resumo:

Há tempos que a pedagogia tradicional está em crise. Como síntese de todo o desconforto, propõe-se a pedagogia do desenvolvimento de habilidades (PDH). A PDH é uma forma de escolarizar aplicável, sustentada pela ideia de sete habilidades básicas: analisar e criticar, criar, autocompreender para auto-organizar, pensar independente, politizar e exercer a alteridade para relacionar-se melhor. A PDH propõe nova metodologia e novo elenco de componentes em substituição aos componentes tradicionais, sendo eles: avaliação, seminário, propedêutica, análise do discurso e teoria crítica de obras, neurociência e métodos em estudo e aprendizagem e natureza humana, ética, cultura e inteligências múltiplas.

Palavras-chaves: pedagogia, neurociência, inteligências múltiplas.

Abstract:

There are times that traditional pedagogy is in crisis. As a synthesis of all the discomfort, it is proposed the pedagogy of abilities development (PDH). PDH is a form of schooling applicable, supported the idea of seven basic abilities: analyze and criticize, create, autocompreender to self-organize, to think independently, politicize and exercise otherness to relate better. The PDH proposed new methodology and new cast components replacing the traditional components, namely: assessment, seminar, workup, discourse analysis and critical theory works, neuroscience and methods of study and learning and human nature, ethics, culture and multiple intelligences.

Keywords: pedagogy, neuroscience, multiple intelligences.

## A maior crise do momento: a da educação

Há tempos que a pedagogia tradicional está em crise. A crise é apontada por diversos comentadores, filósofos e leigos. Paulo Freire (2003) coloca: “como, porém, aprender a discutir e a debater numa escola que não nos habitua a discutir, porque impõe?” Voltaire coloca que “devemos julgar os homens mais pelas suas perguntas que por suas respostas” (Asensi, 2015). Como esperar perguntas de nossos alunos se não lhes é oportunizado? A indignação é antiga, mas os caminhos para solucionar o problema ainda são poucos, e em sua quase-totalidade só existe no campo das ideias.

Como anda a educação brasileira? A educação tem febre. Certamente, agoniza em sua fórmula rica em paralisia. Freire (2012), citando Erich Fromm, alerta para o fato de que os alunos mortificados em suas fileiras de mesmas cores, de uniformes sempre iguais e sem seus adereços preferidos, consomem cabisbaixos o regurgito do sistema *enjalecado*, sádico, fascista. A cama da escola tem tamanho certo. Quem está acima do seu limite, tem seus membros cortados. Quem está abaixo, tem seus membros esticados. A cama da escola é de Procusto.

As paredes, as trancas, as regras, os sinos, as filas, as catracas, as carteiras, o tédio, o banho de sol de três em três tempos, a humilhação para poder urinar, a desnecessidade de opinar faz o estudante ser esse cidadão interrompido. Não existe crise maior.

A escola atual é fermentada com ideias antigas e norteadas pelos exames nacionais e regionais. Enquanto um coletivo de avanços se dão e se consolidam, a escola prefere não se estabelecer nesses domínios. Em atitude confusa e sem referenciais, adota tecnologia sem lógica e adequação. A crise educacional reverbera e encontra ressonância entre suas causas e consequências. Causas e consequências se confundem e, tautologicamente, *desinspiram*, atrofiam a criatividade, *apolitiza* nossos jovens. A educação atual não pode ser eximida totalmente e, ao contrário, é ré solidária de sua evasão, de sua reprovação, da violência urbana, da dependência química, da corrupção, do suicídio, da ansiedade, da depressão, da gravidez indesejada, do recalque, da

perversão, do tédio, da *desrazão*, da irreflexão, da falta de criatividade, da indisciplina, da pseudocultura, da *descultura*, da degeneração linguística, da impotência crítica.

Estamos diante de uma escola que não prepara cidadania, não cumpre sua missão de emancipar o jovem e também não a melhora nos parâmetros cognitivos das inteligências convencionais. O aluno passa a ser esse “demitido da vida, medroso e inseguro, esmagado e vencido” (Freire, 2012, p.35). Esse fato é solidamente confirmado pelo péssimo desempenho que o Brasil tem em avaliações internacionais, como a do PISA. Com indicadores sociais e educacionais sofríveis em relação ao que se almeja, governo após governo, todos põem a educação na boca com promessas desérticas e oníricas e depois de eleitos, colocam a educação na estante, empoeirando e estática até que a recolocam no circuito daqui a quatro anos.

Assim como na saúde, a educação necessita de um projeto, não necessita de partidos e nem de seus paladinos.

Os erros educacionais estão em todos seus níveis, inclusive na preparação de professores. Errando de forma tão básica, é natural que continuemos a padecer do fracasso escolar por mais algum tempo. Os currículos são incapazes de oferecer uma formação humanizada, ética, filosófica, organizacional, real e aplicável de educar. O que se faz é cultivar o mesmo modelo que vige há décadas. O futuro professor aprende o conteúdo formal da disciplina, aprende as teorias educacionais de forma cristalizada e sem contexto atualizado, experimenta uma psicologia educacional desconectada, com suas teias de aranha, com seus pés rachados e adoecida. O futuro professor experimenta o mesmo tédio que seus futuros alunos experimentarão com ele. Os currículos requerem uma reformulação imediata para que novas gerações não sofram de doenças evitáveis. Assim como na saúde, que mudamos nosso padrão de problemas, se aproximando dos países de alto IDH (pelo menos na hora de morrer...), não observamos esse crescimento na educação. Existe solução?

Um novo conceito

Um erro de concepção torna a educação, um problema: quem é educador? O educador deveria ser um profissional *policompetente e polihabilidoso* (Morin, 1999). Um professor de física não pode ser apenas um dominante dos aspectos do conteúdo e tentar fazer todos os seus alunos, usuários reprodutivos de sua expertise. Caso eles não consigam, são reprovados, simples assim. O educador deve desenvolver outras

habilidades, habilidades superiores àquela de ensinar física. Ensinar física é menos importante, em um primeiro momento.

O que se faz necessário é reformatar profundamente o currículo das licenciaturas e das escolas. Nessa proposta, um elenco de sete habilidades básicas se coloca como anterior a quaisquer outras e os parâmetros curriculares nacionais serão apenas ferramentas para que seja atingido. Chamaremos aqui essa nova proposta de pedagogia do desenvolvimento de habilidades (PDH).

Na PDH, as três grandes fontes são: a neurociência, o conceito de inteligências múltiplas e a experiência dentro da pedagogia tradicional.

### A importância da neurociência

Em 2008, o físico alemão Andreas Schleicher, diretor para a educação da OCDE, órgão produtor do exame internacional denominado PISA, em entrevista, afirmou:

Elas [posições no ranking] não deixam dúvida quanto ao tipo de aluno que o Brasil forma hoje em escolas públicas e particulares. **São estudantes que demonstram certa habilidade para decorar a matéria, mas se paralisam quando precisam estabelecer qualquer relação entre o que aprenderam na sala de aula e o mundo real.**<sup>1</sup> Esse é um diagnóstico grave. Em um momento em que se valoriza a capacidade de análise e síntese, os brasileiros são ensinados na escola a reproduzir conteúdos quilométricos sem muita utilidade prática. Enquanto o Brasil foca no irrelevante, os países que oferecem bom ensino já entenderam que uma sociedade moderna precisa contar com pessoas de mente mais flexível. Elas devem ser capazes de raciocinar sobre questões das quais jamais ouviram falar — no exato instante em que se apresentam.

(...)

Os médicos trabalhavam no século XIX como um professor [no Brasil] de hoje: solitários e movidos pela intuição. Tinham pouca clareza sobre a relação de causa e efeito entre os fenômenos sobre os quais se debruçavam. Numa visita a um hospital moderno, essas imagens do passado remetem à Idade da Pedra. **Profissionais de diferentes currículos compõem equipes multidisciplinares, amparam-se em novas tecnologias e trocam informações o tempo todo.**<sup>2</sup>

(...)

**Fico perplexo com o fato de a neurociência, área que já permite observar o cérebro diante de diferentes desafios intelectuais, ser tão ignorada pelos educadores**

---

<sup>1</sup> grifo meu

<sup>2</sup> grifo meu

[brasileiros].<sup>3</sup> Pior ainda: os educadores são os maiores inimigos dessa ciência. Eles perdem um tempo precioso ao repudiá-la.

(...)

**A maioria das escolas [brasileiras] ficou congelada no tempo desde o século XIX.**<sup>4</sup>

Até hoje, elas aplicam conceitos idênticos aos daqueles colégios concebidos para tornar as pessoas compatíveis com a era industrial. Um de seus pilares é a divisão do conhecimento por áreas estanques e incomunicáveis. O outro é o treinamento para a execução de tarefas repetitivas. Enquanto focam demais em ideias do passado, as escolas deixam de mirar uma questão-chave e bem mais atual: o fundamental é que as pessoas aprendam a aplicar esse conhecimento em novas e avançadas áreas — e que não apenas o tenham armazenado. Alguns países já começam a entender isso. Os rankings da OCDE mostram que o Brasil ainda está um passo atrás.

(Weinberg, 2008)

A realidade das possibilidades de ajuda advindas da neurociência é amplamente demonstrada em artigos científicos. Está posta em publicações de psiquiatria, psicologia evolutiva, neurociência, psicanálise, biologia, pedagogia. Por que virar as costas para tantas evidências? Por que não as anexar ao modelo de ensinar e se beneficiar de seus demonstrados ganhos?

Se um professor convencional recebe a informação de que ouvir a sonata para dois pianos em ré maior de Mozart aumenta a cognição, ele provavelmente reagirá: eu perderei tempo da minha aula com música enquanto poderia estar “ensinando”? Ou então reagiria: a direção se souber disso vai querer explicações? Ou os pais reagiriam condenando o professor de português que “em vez de dar aula” colocou Mozart para ouvir? E uma sessão de automassagem durante um dia letivo? Como seria encarado pelos pais, alunos, professores e diretores?

### As inteligências múltiplas

Quando Howard Gardner (1994) publicou sua ideia de inteligências múltiplas, foi parcialmente compreendido. Hoje, talvez menos do que na época. Mas a decomposição do QI em vários QIs parece-me, pela experiência dentro da pedagogia tradicional, uma verdade de obviedade saltitante. Não podemos ser julgados apenas pelo cognitivo lógico-

---

<sup>3</sup> grifo meu

<sup>4</sup> grifo meu

matemático e linguístico. E na verdade, não somos. Não pela sociedade. Esportistas, inventores, artistas, comunicadores são extremamente celebrados pela sociedade, mas nunca pela escola. Na escola, esses expoentes são tratados de forma entediante e marginal. Ficam de recuperação, são indisciplinados, são considerados no máximo como alunos discretos, que passam despercebidos. Os outros celebrados pela escola, são os que têm notas altas nos componentes pré-industriais relevados pela escola. Jenks (1972) já desassociou o que para mim é óbvio: as melhores notas da escola não são os indivíduos de maior sucesso no mercado.

Parece claro então que a escola não sabe distinguir seus alunos e prefere unicamente reprová-los. Participei de mais de dezenas de conselhos de classe com direito a voz e voto. Sempre saí de todos eles com uma decepção marcadamente de fracasso. Não só meu, mas dos meus pares. Os argumentos jocosos, humilhantes e levianos com base apenas no “exercício não feito”, do “desinteresse”, “da indisciplina”, no “trabalho não entregue”. Ali, o professor da disciplina atua como um juiz com regras anacrônicas, com um código falido para decretar a sentença: repetir de ano ou fazer a dependência naquele componente.

Precisamos entender e quantificar as diversas inteligências alterando profundamente a matriz curricular, a avaliação escolar e a capacitação dos professores.

#### As sete inteligências

A teoria das inteligências múltiplas foi desenvolvida por Howard Gardner (1994). Segundo ela, todas as pessoas apresentam várias inteligências e todas elas são passíveis de desenvolvimento. Há três fatores principais para que esse desenvolvimento aconteça: a dotação biológica, a história de vida e os referenciais teóricos e cultural. As experiências cristalizadoras e paralisadoras são dois processos essenciais para o desenvolvimento das inteligências. As cristalizadoras são positivas para o crescimento do indivíduo; as paralisadoras, desligam as inteligências, as traumatizam, geram culpa, vergonha, medo, raiva (Armstrong, 2001).

A inteligência musical está aumentada nos músicos. Há uma aparente pré-disposição para a música em cada um de nós. E em alguns, essa capacidade é definitivamente aumentada, antecipando inclusive a musicalidade ao instrumento, que quando acessível, já nasce como velho conhecido.

A inteligência corporal-cinestésica é aquela aumentada nos atletas e nos dançarinos, por exemplo. A natureza própria de se ajustar no espaço e de se projetar nele com alta destreza e ainda se relacionar com objetos em movimento ou a se movimentar, caracteriza a inteligência corporal-cinestésica.

A inteligência lógico-matemática é a sobretudo aplicada nos testes convencionais de QI. Ela promove um desejo constante sobre a mecânica das coisas, permite uma agilidade aritmética, consegue gerar um grau de abstração sobre os mecanismos apresentados. Desperta o interesse por resolver enigmas e outros desafios (Gardner, 1995).

A inteligência linguística é outra inteligência aderida pela psicologia convencional. Trata-se da formulação de sentenças e de compreensão de texto. Permite uma habilidade para escrever e inventar histórias. Permite uma expansão de vocabulário e gera uma apreciação por ler livros (Gardner, 1995).

A inteligência espacial é a que permite solução para problemas espaciais. Está desenvolvida em pessoas com habilidade de criar imagens mentais do mundo real. Essas pessoas apresentam uma noção intuitiva incomum do espaço. Apresentam alta capacidade de reduzir a bidimensão para a tridimensão e seu inverso (Gardner, 1995).

A inteligência intrapessoal é a maneira de entender, de autocompreender e orientar o próprio comportamento. Trata-se do senso do *eu*, um *eu* autônomo, enfrentador dos medos e inseguranças. É uma inteligência que busca a auto-realização, a possibilidade de escolhas e de tomadas de decisão (Gardner, 1995).

A inteligência interpessoal é a capacidade de entender o outro. Ela consegue perceber os contrastes emocionais e motivacionais no outro. Aqueles que a tem aumentada, gosta de se socializar, gosta de liderar, parece ter uma “sabedoria das ruas” (Armstrong, 2001). Encontra-se aumentada nos psicólogos, professores, apresentadores.

#### História oral de vida e estudo de caso

Tenho atendido centenas de alunos durante mais de 20 anos de profissão. Tanto da rede privada quanto da rede pública. Sei em todos os lugares, das queixas. Elas passam pela qualidade do ensino, do autoritarismo professoral, do tédio, da ansiedade, sonolência, inaptidão, solidão, do descaso da escola, da falta de criatividade, do excesso de avaliações, da falta de participação política, do fracasso pessoal, da dificuldade de estudar, da falta de crescimento cognitivo. Reclamam que não são apoiados, que a escola

não os ajuda a escolher sua carreira, que os professores não são disponíveis, que não sabem estudar. Querem horário de estudo, querem dicas, mas carecem de muito mais que isso. Percebe-se que estão ali carentes de múltiplas coisas, algumas impossíveis de serem compreendidas imediatamente, outras impossíveis de serem percebidas por um professor, na sua atual formação. Diante desse sentimento de impotência, ousei solicitar a formação de um corpo multidisciplinar, mas esse corpo era como o proposto por Mary Shelley, no épico *Dr. Frankstein*: várias ideias de lugares diferentes e sem um referenciamento teórico que justificasse a ajuda e o resultado esperado. Procurei ajuda nos livros de outras áreas e ouvindo profissionais com outras expertises e me senti oxigenado para fazer uma tentativa transformadora e pragmática.

#### A pedagogia do desenvolvimento de habilidades (PDH)

Como síntese de todo o desconforto acima explicitada, surge a PDH. A PDH é uma forma de escolarizar aplicável, sustentada pela ideia de sete habilidades básicas abaixo discriminadas (quadro1), gerando uma nova metodologia e um novo elenco de componentes em substituição aos componentes tradicionais.

Habilidades básicas da PDH						
Analisar	Criticar	Criar	Autocompreender para auto- organizar	Pensar independente	Politizar	Exercer alteridade para relacionar- se melhor

Quadro 1. As sete habilidades propostas para a PDH.

#### Analisar e criticar

O aluno deve ler, analisar e expor suas possíveis críticas sobre determinado texto. Deve-se mudar a postura da leitura estática e asséptica que vem sendo feita. Ler e aplicar perguntas como “prova” para os alunos é mera decoreba. A leitura deve ser feita de forma compreensiva e *duvidante* por parte do receptor. Diante das sentenças, os alunos-leitores



devem mergulhar no texto e se retirar em vez de quando para avaliar o lido. É absolutamente necessária a premissa de conseguir entender a ideia principal do texto e recontá-la, criticamente.

## Criar

Outro furúnculo da educação é a falta de criatividade. Horkheimer, por exemplo, escreve antecipando um futuro sombrio, sem poder de imaginação e de pessoas sem juízo independente no “Eclipse da razão” (2015). Praticamente não há espaço para a criatividade na escola atual. Por vezes, a escola promove alguns concursos, mas não se trata de algo ordinário em termos curriculares.

## Autocompreender para auto-organizar

A necessidade de desenvolver a inteligência intrapessoal tem vitimado muitos alunos. Sem essa compreensão de sua importância e de sua relevância como indivíduo, acentua problemas como dúvidas existenciais, dificuldade de relacionamentos, gera ansiedade, gera depressão e por vezes, suicídio. O entendimento dos limites, das virtudes e das deficiências é uma tarefa difícil para muitos adultos porque foram dificultadas na infância e na adolescência, sendo a tese freudiana sintetizada em “a criança é o pai do homem” (Votolini, 2011). O desenvolvimento de uma autocrítica e de autocensura é uma propriedade fundamental para a excelência das convivências consigo mesmo e com os outros. Assim, o aluno não desenvolve filtros para se reconhecer no mundo e adquirir autonomia.

## Pensar independente

A aula tradicional não permite o livre-pensamento. Não há espaço para que pensem divergente do professor ou do livro didático. Desestimulado a pensar sobre isso, o aluno entedia-se ou indisciplina-se. Há de se oferecer momentos para que o aluno possa exercer essa habilidade. Comprimido pelo discurso pleno e outorgado pela titulação do professor, o aluno aceita sua condição diminuída e não se sente desafiado. Quando evade psiquicamente da aula e abre um livro, ou jornal, alheio aos comandos do professor, sofre retaliações dos mais exigentes, ou o descaso dos mais desligados. Essa escolha de não estar ali, tem gerado muitos conflitos com o professor e a pedagogia tradicional e motiva

comentários e rótulos desabonadores sobre os alunos. Em relato simples, a criança se anula de uma forma ou de outra.

### Politizar

Exercer o que se aprende no campo do convencimento entre seus pares e ímpares é uma habilidade necessária para o mundo atual, onde a informação é acessível mas a capacidade de debate é frágil entre os indivíduos. Assim, em diversos setores sociais, a capacidade de politizar os temas, especialmente nas ciências exatas e nas ciências da saúde, tem reproduzido a inércia dos modelos vigentes (Lasneaux, 2014).

### Exercer alteridade para relacionar-se melhor

No ENEM 2015, a palavra alteridade foi usada em uma das questões e diversos alunos sequer conheciam seu significado. Se colocar no lugar do outro é de suma importância para melhorar diversos indicadores sociais, como relativos à violência, ao *jeitinho*, à corrupção, entre outros. O exercício da alteridade é perturbado particularmente com o crescente pensamento meritocrático vigente e a visão extrema do capitalismo. No modelo atual, o individualismo aguçado prioriza ações e o altruísmo ou sua possibilidade fica sujeito ao secundário, ao *subplano*. É inegável que aqui exista um dilema filosófico complexo e de resolução difícil. Mas sabemos que a socialização e a convivência com o outro gera uma segurança geral que estabiliza a sociedade e permite a segurança individual.

### A PDH pressupõe um aumento de vários indicadores

A tese aqui defendida é a de que com o desenvolvimento das habilidades acima citadas, desenvolvem-se por consequência: as inteligências e a memória, a emancipação do indivíduo, a saúde geral e a melhoria de indicadores sociais (fig.1).

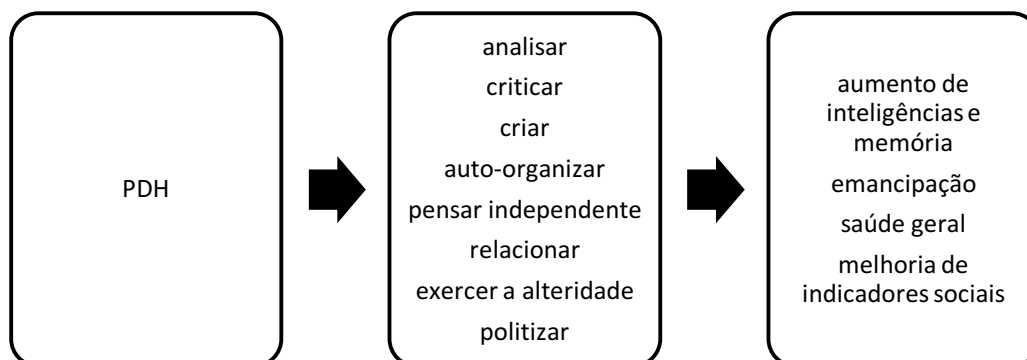


Figura 1. Relação entre as habilidades da PDH e as consequências-metas do novo método.

O aumento das inteligências e memória será dado por diversas técnicas comprovadas pela neurociência, entre elas: técnicas de estudo diversificada, apoio psicológico, desenvolvimento de algoritmos de estado<sup>5</sup> (por meio de questionário online), músicas estimuladoras, comportamento otimista, controle de ansiedade, desenvolvimento de leitura eficiente e crítica, entre outros (Lasneaux, 2016).

A emancipação do indivíduo dar-se-á pelo conhecimento realizado, refletido e debatido. Essa ideia está presente em textos clássicos de Kant (2005) e Nietzsche (2009). Em Kant, podemos entender como vencer a menoridade do homem:

Que, porém, um público se esclareça [<aufkläre>] a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável. Pois, encontrar-se-ão sempre alguns indivíduos capazes de pensamento próprio, até entre os tutores estabelecidos da grande massa, que, depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo. O interessante nesse caso é que o público, que anteriormente foi conduzido por eles a este jugo, obriga-os daí em diante a permanecer sob ele, quando é levado a se rebelar por alguns de seus tutores que, eles mesmos, são incapazes de qualquer esclarecimento [<Aufklärung>]. Vê-se assim como é

<sup>5</sup> Perguntas que avaliarão a vida pregressa do aluno, seu estado atual de estudo e suas atuais aflições.

prejudicial plantar preconceitos, porque terminam por se vingar daqueles que foram seus autores ou predecessores destes. Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento [<Aufklärung>]. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento.

Em Nietzsche (2009), encontramos: “quem conduzirá à pátria da cultura se seus guias são cegos ainda que se façam passar por videntes?” Preocupado ele acrescenta estar preocupado porque o “jornalista” tomou o lugar do “grande gênio”. As preocupações estão setorizadas em uma Europa do século XIX mas é de absurda atualidade, especialmente em relação à educação brasileira. Ainda em Kant, Niquet (2008) coloca que o verdadeiro saber decorre do entusiasmo e da necessidade e a pessoa deve ser livre para saber, e não sofrer constrangimentos.

Por conseguinte, tem-se que uma evasão diminuída, um interesse crescente no indivíduo e o aumento de inteligências e memórias, melhorará a saúde geral da população, seja devido ao autocuidado ou ao aumento da capacitação das pessoas, além da melhoria direta nos indicadores sociais, altamente associados à escolarização (decréscimo na mortalidade infantil, diminuição da violência, entre outros). Sen e Kliksberg (2010) defendem a ideia de que existem cinco tipos de capital: o natural (recursos naturais), o contruído pela sociedade (tecnologia, infraestrutura), o financeiro, o humano (níveis de saúde e educação) e o capital social. O capital social apresenta quatro dimensões: o clima de confiança nas relações interpessoais, a capacidade de associatividade para cooperação, a consciência cívica e os valores éticos da sociedade. Para avançarmos na construção de um capital social sólido para o Brasil, é necessária uma nova consideração, uma nova visão pedagógica, em que essas intenções se tornem pragmaticamente objetivos. Precisamos de um projeto educacional engajado com o mundo real e percorrido por ele.

Essa proposta é viável?

A PDH será implementada a partir de julho de 2016 sob a forma de educação complementar para alunos do nono ano, do ensino médio e egressos do ensino médio que almejam entrar em universidade pública. Serão formadas pelo menos uma turma de cada

um dos públicos-alvo. Todos os alunos terão entrevista para explicação do modelo no ato na matrícula. Os pais serão convidados para o encontro individual e depois para uma palestra geral. Para que tudo dê certo, deverá haver esses momentos de convencimento e de compreensão sobre o que é a PDH. Não se espera que todos os pais e filhos possam automaticamente aderir a uma proposta apenas por ser diferente. A comunidade deve entender sua adesão de forma plena, adesão essa que poderá ser questionada quando a própria comunidade terá oportunidade no conselho superior<sup>6</sup> criado para discutir o andamento do curso.

A equipe contará com professores licenciados e outros convidados com notório saber na área. Uma clínica de psicologia é parceira com profissionais na área de: psicologia, psicanálise, neuropsicologia, psiquiatria e acupuntura. Haverá convite para artistas, esportistas e profissionais liberais. Esses profissionais entrarão em sala e administrarão seus momentos como uma política de complementação ao trabalho dos professores. Não se trata de substituição de funções e sim, de se estabelecer um viés multidisciplinar para a proposta.

O espaço físico contará com quatro salas de aula, uma sala de meditação, uma sala musical, um hall para ateliê, uma sala de estudos, biblioteca de 500 volumes, área de convivência, espaço-relaxamento, pontos inteligentes. Os pontos inteligentes contarão com palavras-cruzadas, sudoku, revistas validadas. Aos sábados pela manhã cedo, haverá corridas no parque da cidade com alunos, familiares e convidados.

Quinzenalmente haverá jogos educativos do tipo pergunta e resposta em locais da cidade. Mensalmente, haverá uma apresentação cultural dos alunos ou convidados deles. Mensalmente, haverá uma reunião com uma comissão formada por alunos, pais e mantenedora para debater avanços, retrocessos, críticas e sugestões para a melhoria do espaço e do trabalho pedagógico.

O espaço ainda contará com classes para alunos de alta-habilidades devidamente reconhecidos pelo neuropsicólogo associado. Serão criadas turmas complementares para que possam ser trabalhados de forma mais desafiante que as diretrizes normais, usando como ferramenta a pedagogia da solução de problemas.

Como efetivar a nova proposta?

---

<sup>6</sup> Conselho formado por representantes de todos os segmentos escolares.

## Carga horária

Cada curso contará diretamente com seis horas semanais, alternando entre segunda/quarta/sexta ou terça/quinta/sábado, duas horas por dia.

## Aulas

As turmas terão no máximo 25 alunos. As carteiras serão dispostas em círculo e o professor deverá ficar postado sobretudo no centro desse círculo e sempre tendo o cuidado de olhar para todos os alunos e estar em movimento na medida do possível (fig.2). Os alunos têm autonomia para sair quando desejado e se justificar para o professor, se desejar. O filtro para que evitem sair será conquistado pelo convencimento de toda a proposta e não imposto pela direção ou pelo próprio professor. O aluno deve entender seu momento e as consequências de sua ausência.

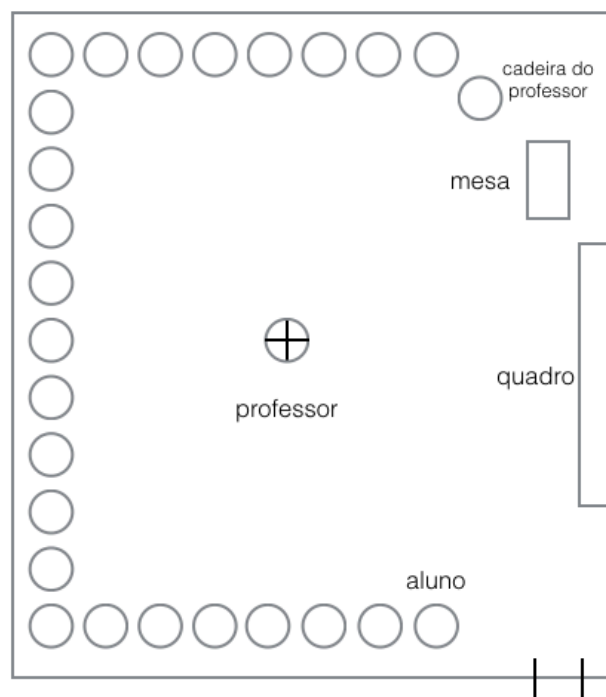


Figura 2. Disposição da sala de aula. Os alunos (no máximo de 25) ficarão em círculo. O professor tem o seu espaço próprio mas deve ficar, enquanto expositor, no centro do grupo e quando for mais do grupo, sentado em sua cadeira.

## Componentes

Uma forma de dar forma real para a proposta é a de realizar uma nova divisão de componentes, vencendo a tradicional forma de operar o conteúdo programático. Nessa proposta, o curso contará com seis componentes, cada um deles com uma hora semanal, por turma (fig.3):

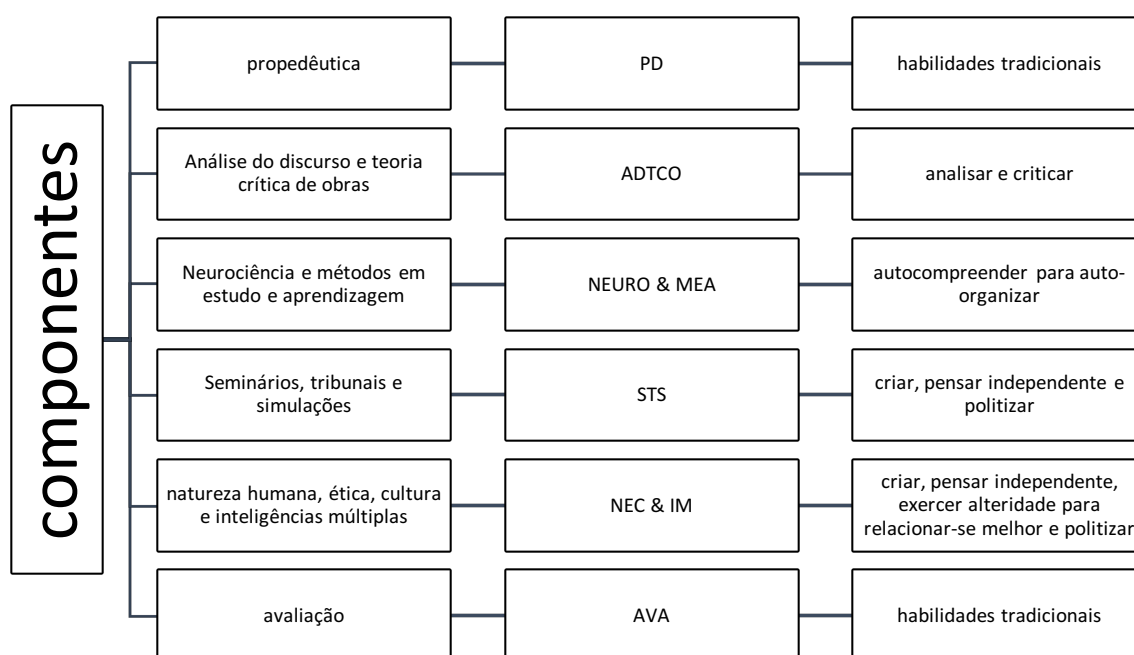


Figura 3. Componentes da PDH: nome do componente, abreviatura e habilidades desenvolvidas.

Propedêutica

O componente contará com aulas de matemática, química, biologia, física, geografia e história (fig.4). As aulas serão escolhidas pelos profissionais como sendo aulas-chaves para cada componente. Há uma tendência de que haja uma reação óbvia para essa forma de trazer o conteúdo para os alunos. Isso porque esse componente é praticamente o componente único da educação tradicional. Assim, haverá uma potencial reação sobre ser tão pouco, três aulas de cada componente, ao longo do semestre. Entretanto, há quatro formas de minimizar essa angústia. A primeira é embutir certos temas nos outros componentes da PDH. A segunda é a de fomentar o estudo individual ou em grupo sobre os conteúdos tradicionais. O terceiro seria complementar essa necessidade usando EAD. E a quarta, usando o conteúdo programático tradicional no componente “seminários”.

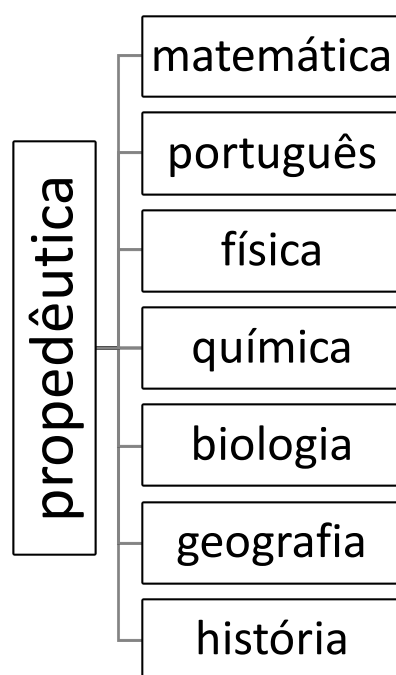


Figura 4. Áreas dentro do componente propedêutica.

#### Teoria crítica e análise de discurso e de obras

Nesse componente, o aluno deve ler autores dos mais diversos, cujas obras serão indicadas pelo professor. Na aula, será feita uma incursão crítica sobre o texto, mostrando interligações e desvendando o subtexto das obras. Tudo com muita participação de todos. Ligação entre os textos e a realidade política, educacional, sociológica, ecológica, bioética e cultural.



A seleção de textos deverá ser compatível com a série e com a possibilidade de tempo disponível de leitura. O professor atuará como um catalisador da conversa e deverá estimular os alunos a defender opiniões sobre o que foi lido. Cabe ao professor democratizar o espaço promovendo o máximo possível a fala de todos. Poderá ele mesmo opinar mas deverá fazer de forma igual ao dos alunos, exceto no passo final que é o de fechamento da aula, momento em que poderá trazer outras justificativas como porque escolheu o texto e porque acreditava que esse texto pudesse ser estimulante para o grupo. Os textos devem vir de autores importantes sobre o tema e acessíveis para os alunos.

## Neurociência e Métodos em ensino e aprendizagem

A relevância da neurociência na compreensão do cognitivo foi antecipada por Freud e Piaget. Freud no fim do século XIX, comentava:

Estou obcecado com dois objetivos: examinar que forma irá tomar a teoria do funcionamento mental se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia de forças nervosas, e, em seguida, extrairmos da psicopatologia tudo o que puder ser útil para a psicologia normal.

(Freud apud Bezerra, 2015, p.34)

Piaget (2012) em 1942 anunciava:

Qualquer explicação psicológica acaba por apoiar-se, mais cedo ou mais tarde, na biologia (...) Para alguns os fenômenos mentais só se tornam inteligíveis mediante sua vinculação ao organismo. Essa maneira de pensar impõe-se, efetivamente, no estudo das funções elementares (percepção, motricidades, etc.), das quais depende a inteligência em seus primórdios.

(Piaget, 2002, p.29)

As práticas clínicas e os diversos exames de imagem do cérebro têm oferecido diversas possibilidades para melhorar o desempenho de inteligência e memória. Ficaram demonstradas a plasticidade neuronal, a capacidade de aumentar QI a despeito das condições genéticas (Lasneaux, 2016), a introdução acelerada do conceito de epigenética e a confirmação da relação entre emoção e cognição como antecipada por Piaget:

A vida afetiva e a vida cognitiva são, portanto, inseparáveis, embora distintas. Elas são inseparáveis porque qualquer intercâmbio com o meio supõe, ao mesmo tempo, uma estruturação e uma valorização(...). É assim que seria impossível raciocinar, até mesmo em matemática pura, sem experimentar determinados sentimentos e, inversamente, não existem afeições sem um grau mínimo de compreensão ou discriminação.

(Piaget, 2002, p.32-33)

Serão desenvolvidas várias estratégias de como adequar o local de estudo, como esquematizar as disciplinas, orientações de alimentação, de sono, de leitura, música. Apoio pedagógico. Montagem de horários de estudo e análise das provas e seus editais (como ENEM, vestibulares, etc.). Adesão da neurociência para justificar a aprendizagem. Automassagem, acupuntura, ioga, dança, entre outras ferramentas para desenvolvimento de habilidades, inteligência e memória. Em suma, aqui nesse componente, será utilizado o que está em voga, testado e comprovadamente aceito para que haja um incremento de quociente geral de inteligência e não só na chamada inteligência g (Izquierdo, 2011). A mudança de hábitos e a compreensão de certas atitudes deletérias para o estudo podem oferecer um rendimento aumentado para seus aplicadores.

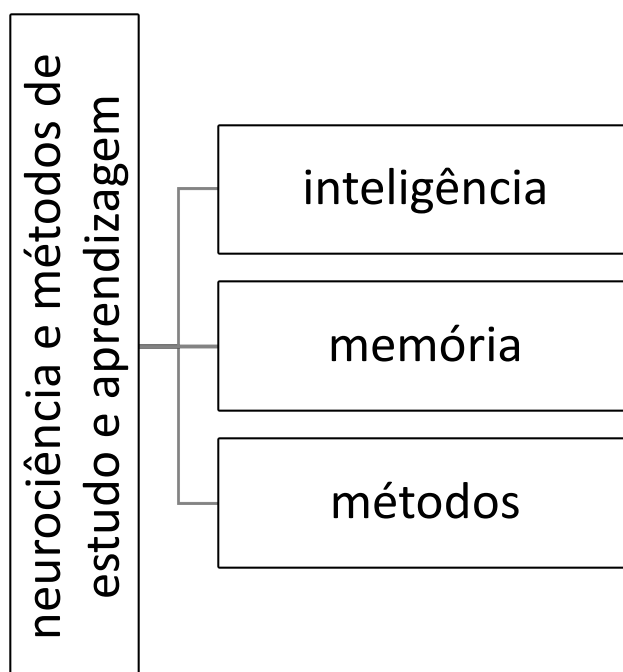


Figura 5. Bases do componente de neurociência e métodos de estudo e aprendizagem.

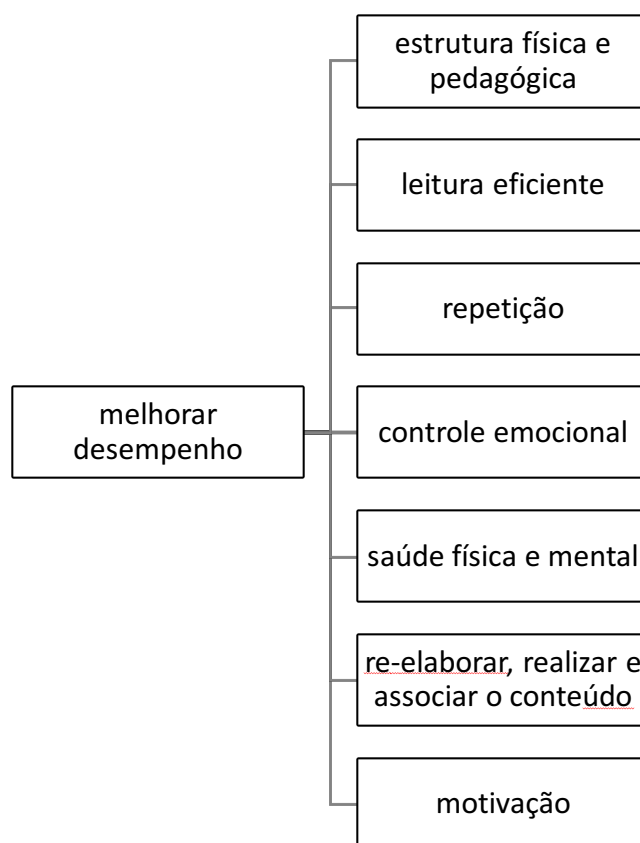


Figura 6. Formas trabalhadas dentro do componente de neurociência e métodos de estudo e aprendizagem, segundo Lasneaux (2016).

#### Seminários, tribunais e simulações

Temas e textos serão apresentados para os alunos que deverão apresentar seminários para os demais da classe. Após a apresentação, será feita uma discussão com a participação de todos e mediado pelo professor.

Cada aluno dará, a princípio, um seminário, com referência teórica mas de escolha livre, mas com base em um livro/artigo/revista/história oral de vida ou notícia de jornal. Nesse componente, espera-se que o aluno possa saber analisar e sintetizar o texto lido; passar organizadamente apresentar as informações; criar e relacionar dentro do contexto e saiba entender a apresentação do outro. Além disso, que saiba receber críticas, escutar o outro e formular possíveis intervenções, quando essas intervenções estiverem de fato referenciadas. Saiba também enfrentar a necessidade de objetividade e de atender ao tempo estipulado. Saiba convencer e possa compreender suas limitações para que, de uma segunda vez, possa fazer melhor.

Os tribunais serão realizados com grupos que defenderão ideias opostas e serão legitimados por um júri composto pelos demais alunos. A ideia é trazer alguns assuntos polêmicos e ouvir de si e dos outros, opiniões que possam ser subsidiadas por informações e que empoderem os alunos como cidadãos.

As simulações ocorrerão como uma convenção de nações que debatem um assunto em comum. Cada aluno representará um país e defenderá seus interesses frente a questões de saúde internacional, conflitos, temas econômicos e ecológicos.

### Natureza humana, ética, cultura e inteligências múltiplas

Desenvolver a ideia de ser humano. Seus conceitos e sua natureza interna e externa.

Os conceitos de mente e consciência e suas implicações.

Antropologia, psicologia evolutiva, biologia, história e filosofia na construção e desconstrução do conceito de ser humano.

Falar sobre emoção, ansiedade com olhares biológicos, psicológicos e sociais.

Falar sobre a definição de carreira.

É o momento de apresentar os parâmetros de Howard Gardner sobre as inteligências múltiplas, estimular um autoconhecimento sobre elas e vivenciá-las. A prática das inteligências múltiplas é realidade e sucesso em diversas oportunidades na China, Macau, Dinamarca, Noruega, Estados Unidos, Colômbia, Argentina, Inglaterra e Irlanda (Gardner, 2010).

### Ementas do curso

A programação das disciplinas será feita para vinte semanas sendo os temas previamente divulgados para os alunos, embora com possibilidades de modificação. Segue abaixo, como exemplo, o cronograma dos temas dos componentes para os alunos do terceiro ano (tab.1).

Tabela 1. Ementa das disciplinas do terceiro ano.

Aulas	Componente-tronco	Teoria crítica e análise de obras	Métodos em ensino e aprendizagem
-------	-------------------	-----------------------------------	----------------------------------

1	Matemática	Lampião	Inteligência
2	Física	Canudos	Memória
3	Biologia	A bossa nova	QI
4	Química	O funk	QE
5	Português	Vigiar e punir	LEITURA eficiente
6	Geografia	O existencialismo	Dieta
7	História	A Revolta da Vacina	acupuntura
8	Matemática	O poder da comunicação	Automassagem
9	Física	As portas da percepção	Meditação
10	Biologia	Leviatã	Música
11	Química	Nise da Silveira	Formas de estudar
12	Português	História da sexualidade	Como funciona o ENEM?
13	Geografia	O que é o conceito?	Como fazer uma prova?
14	História	Ética	Ansiedade
15	Matemática	Alegorias do desenvolvimento	Medo
16	Física	Longe da árvore	Definição de carreira
17	Biologia	A soberania do bem	Ambiente de estudo
18	Química	Agenda 21	Sono
19	Português	O declínio do homem político	Exercícios físicos
20	Geografia ou História	Dádiva	Sucesso e fracasso

Aulas	Seminários, tribunais e Simulações	Natureza humana e inteligências múltiplas	avaliação
1	<p>Seminários: temas livres</p> <p>Tribunais: Temas acordados pelo grupo (ex: aborto)</p> <p>Simulações: Temas sobre conflitos internacionais</p>	Loucura	Teste 1
2		Exclusão social	Teste 2
3		Inclusão social	Teste 3
4		Origem da vida	Teste 4
5		Religiosidade	Teste 5
6		Bioética	Teste 6
7		Origem do homem	Teste 7
8		Nomadismo e sedentarismo	Teste 8
9		freudismo	Teste 9
10		darwinismo	Teste 10
11		Racismo	Teste 11
12		Cotas	Teste 12
13		Tecnologia	Teste 13
14		Inteligências múltiplas	Teste 14
15			Teste 15
16			Teste 16
17			Teste 17
18			Teste 18
19			Teste 19
20			Teste 20

Teremos condições de capacitar profissionais dentro da perspectiva da PDH?

A tecnologia é usada de forma muito atônita e irreflexiva. Tenho ouvido falar em educação 3.0 como uma forma de que a tecnologia será o grande mentor e fio condutor

da educação. Toda forma excessiva de virtualização tem se mostrado catastrófica para a personalidade das pessoas. Levy (2015) relata que o espaço antropológico está sendo subvertido pelo ciberespaço e que a sociedade que se edificar na informação virtual será um grande mentira. Parafraseando Einstein: “O dia em que a tecnologia ultrapassar a interatividade humana, o mundo será uma geração de idiotas”. As pessoas devem vir em primeiro lugar (Sen e Kliksberg, 2010). Sempre. A educação deve ser usuária da tecnologia e não o contrário.

A capacitação de profissionais para a PDH pode ser feita por EAD semipresencial. Assim, uma plataforma analógica-digital multicêntrica e multidisciplinar poderia ser formada e esse formato aderido pelos cursos de licenciatura. De tempos em tempos, encontros presenciais sinalizariam questões, possibilidades e vivenciamentos. Assim, com poucos profissionais capacitados, poder-se-ia operar esse modelo até que cada vez mais a porção digital do curso fosse se tornando presencial, invertendo a proporção sugerida abaixo.

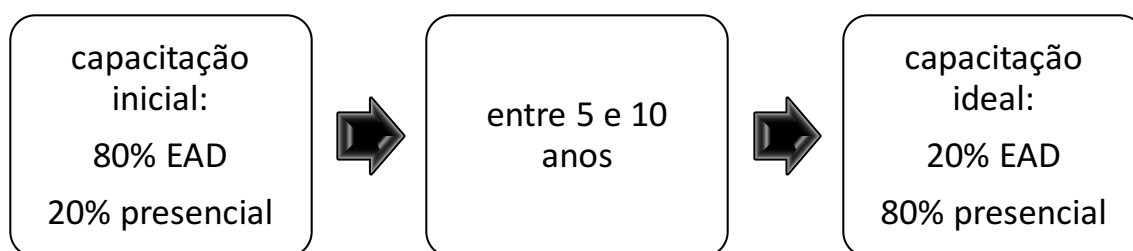


Figura 7. Forma de capacitação de professores para atuar na PDH.

## Conclusão

A educação brasileira necessita de uma reforma urgente, suprapartidária, permanente e consistente. Também deve ser feita não com notas técnicas ou ensaios literários: deve ser feita com ideias exequíveis e *neorreferenciadas*. O modelo da educação brasileira é comparado com o modelo arcaico do século XIX. O país é refém das divisas de suas *commodities* (produtos de baixo valor agregado), apresenta um abismo social, apresenta indicadores sociais muito baixos e não consegue entrar definitivamente no campo da inovação. É urgente que tratemos de modificar nossos setores para que uma grande revolução social possa ser definitivamente instaurada e que redirecione a seta do

futuro. A escola brasileira é alienante, insuficiente e entediante. Todas agem em conformidade com regras que não comunicam mais, não atendem ao cidadão e ao país. E nada tem sido feito de mudanças efetivas. Não adiantará a mudança de currículo em curso. O problema não se refere a decidir se damos holofotes para a história da América Latina ou da Grécia Antiga. A questão é muito mais profunda que isso. Não estamos formando pessoas em grau nenhum. Estamos circundados de uma paralisia *desestruturante* e não são por há perspectivas de mudanças a curto prazo. A pedagogia do desenvolvimento de habilidades é uma luz na tentativa de criar um outro tempo, um tempo de mudanças consistentes, de novos arranjos, de novos estudantes, de um novo país. Deve ser prioridade a substituição progressiva da pedagogia tradicional por outra, atualizada e aceleradora do desenvolvimento dos nossos alunos (tab.2)

Tabela 2. Comparação entre a pedagogia tradicional e a pedagogia do desenvolvimento das habilidades.

comparação	pedagogia tradicional	pedagogia do desempenho das habilidades
eixo central	disciplinas	habilidades
disposição dos alunos	em fileiras	em círculo
disposição do professor	no tablado e na frente	no chão e no centro da roda
característica do professor	autoritário, centralizador, erudito	autêntico, empático e disponível
aulas ordinárias	expositivas	participativas
aulas extraordinárias	participativas	expositivas
postura do aluno nas aulas	passiva	ativa
autonomia do aluno	baixa	alta
ambientes	salas de aulas	salas de aulas e novos ambientes
novos ambientes	ausentes	sala de meditação, ateliê, sala musical, pontos inteligentes
disciplinas	tradicionais	inovadoras*
boletim	notas estanques	notas evolutivas
leitura e análise de textos	secundária	primária
uso da neurociência	baixo	alto
participação de pais e alunos na condução da escola	baixa	alta

\* citadas na figura 3.

Um país acelerado de verdade no que tange à ética, à cultura, à responsabilidade individual e social. Um país que seja visto como um lugar desejável de ficar, de desejável de visitar, que possa ser conhecido pelo grau de esclarecimento de seu povo, de pessoas que possam de fato atingir a maioridade kantiana e diversificar sua inteligência. É possível fazer diferente e enfrentar o modelo caducado da educação. Mas precisamos de ideias concretas e não de retórica e discursos estéreis. Precisamos de ação. O que está proposto aqui é ação, um modelo que poderá ser criticado, mas nunca deve negligenciado, ocultado e barrado. O diferente do que está proposto aqui é que há um casamento entre diversos setores antes vistos como impossíveis de se sentarem à mesma mesa. O diferente aqui é que se trata de um modelo executável, com proposta, com embasamento neurocientífico, com o alicerce e o testemunho de quem viveu sob vários ângulos o aluno: em casa, na escola, como professor, como diretor, como professor-conselheiro, como amigo, sempre com muito respeito. Precisamos de professores-pessoas. Precisamos de Carl Rogers quando fala que o professor deve ser autêntico, empático e disponível. Temos que ter coragem de não sucumbir à técnica, aos softwares, às redes sociais e à internet. Temos de avançar de forma firme nos novos obstáculos. Pesquisas nacionais e internacionais mostram o estado ruinoso da educação no Brasil. Precisamos mudar. Bertand Russel disse: “por que cometer erros antigos se há tantos erros novos a cometer?”

#### Referências bibliográficas

ASENSI, Felipe. **Liderança: frases históricas de impacto**. Brasília: Alumnus- SEBRAE, 2015.

ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências múltiplas na sala de aula**. São Paulo: Artmed, 2001. 192p.

BEZERRA, Benilton. **Freud – projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015. 251p.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Ed. Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 217p.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 1994. 340p.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas – a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995. 256p.

GARDNER, Howard et al. **Inteligências múltiplas ao redor do mundo**. Porto Alegre: Artmed, 2010, 432p.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: UNESP. 2015. 207p.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2011. 133p.

KANT, Immanuel. **Resposta a pergunta: Que é *esclarecimento*?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005. Pg. 63-71

LASNEAUX, Marcello Vieira. **Inteligência, Memória e sobre como estudar**. São Paulo: Livronovo, 2016 (no prelo).

LASNEAUX, Marcello Vieira. **O uso de inseticidas na Saúde Pública: uma crítica ao modelo de combate à dengue no Brasil e no DF**. Brasília-DF. Dissertação [Mestrado em Bioética] - Universidade de Brasília; 2014.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 2015. 214p.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita – repensar a reforma/reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 128 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação**. Rio de Janeiro: PUC-RJ; São Paulo: ed. Loyola, 2009.

NIQUET, Bernd. Kant – a força do pensamento autônomo. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008. 118p.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012. 253p.

SEN, Amartya; KLIKSBURG, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VOLTIONI, Reinaldo. Educação e psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 81p.

WEIBERG, Mônica (2008) **Medir para avançar rápido – entrevista com Andreas Schleicher**. Disponível em:

[http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo\\_293659.shtml?func=1&pag=0&fnt=14px](http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_293659.shtml?func=1&pag=0&fnt=14px) Acessado em [22 maio 2016]